

## PROCESSO VS. PRODUTO: A QUESTÃO DO ENSINO DA TRADUÇÃO

MARCIA DO AMARAL PEIXOTO MARTINS  
PUC-RIO

Nos últimos anos, vêm-se ampliando as perspectivas da área de tradução no Brasil, tendo em vista que:

- . a demanda de traduções atravessa uma fase de expansão;
- . os tradutores estão se organizando em sindicatos, visando, entre outros objetivos, a unificação das tabelas de preços e a regulamentação da profissão;
- . a formação acadêmica do tradutor está sendo paulatinamente valorizada, o que tem gerado um aumento na oferta de cursos de tradução nas universidades;
- . esse fato, por sua vez, vem resultando na ampliação do mercado de trabalho para professores e no reconhecimento da tradução como área acadêmica;
- . a exigência da formação de professores e o interesse pela pesquisa abriu caminho para a pós-graduação na área, onde estão se desenvolvendo pesquisas voltadas para o estudo e para o ensino da tradução;
- . a realização dessas pesquisas tem gerado a necessidade da constituição de foros para apresentá-las e discuti-las, fazendo com que os encontros científicos voltados para a tradução se realizem em maior número e periodicidade, e também com que se abram espaços para essa disciplina em eventos de áreas afins, como ensino da língua inglesa e linguística aplicada.

Esse quadro reflete, de certa forma, o que vem acontecendo no mundo; Bassnett-McGuire, no prefácio da edição revista de **Translation Studies** (1991), observa que, na década de 80, os estudos sobre a tradução -- ou Tradutologia, como sugerem alguns -- conseguiram firmar-se como uma disciplina autônoma. "Muitos livros foram escritos sobre o assunto, surgiram publicações especializadas e muitas revistas científicas tradicionais dedicaram números inteiros 'a tradução, enquanto as pesquisas na área estão-se multiplicando no mundo inteiro."<sup>1</sup>

No âmbito dos cursos de graduação em Tradução, que constituem geralmente habilitações do Bacharelado em Letras, a responsabilidade do professor é cada vez maior, na medida em que está surgindo um consenso a respeito da POSSIBILIDADE de se ensinar tradução (respondendo à tradicional pergunta -- ou dúvida -- "É possível

---

<sup>1</sup> Em BASSNETT McGUIRE, Susan (1991). **Translation Studies**. London and New York, Routledge (revised edition), p. xi (Tradução minha.)

ensinar tradução?") e da NECESSIDADE de fazê-lo de modo sistemático e inserido num contexto acadêmico.

O número crescente de instituições que oferecem cursos de formação de tradutores e o interesse manifesto de outras instituições que ainda não o fizeram, mas estão examinando essa possibilidade com muita atenção, parece apontar para um reconhecimento da importância de uma formação acadêmica na área. Cabe, então, aos professores de tradução viabilizar e valorizar essa formação, tornando-a a mais sólida, eficaz e produtiva possível. Para tanto, é preciso pensar muito o ensino e desenvolver pesquisas abrangentes com vistas a desenvolver abordagens pedagógicas adequadas às necessidades dos aprendizes, levando em conta os mais variados fatores, inclusive linguísticos, culturais e regionais.

Os responsáveis pelos cursos de tradução precisam, também, refletir sobre o papel do ensino das disciplinas envolvidas e, conseqüentemente, sobre o seu próprio papel dentro dos objetivos propostos para esse ensino. Que nível de autonomia e proficiência deve-se (ou pode-se) exigir de um Bacharel em Tradução? Quando é que um aprendiz pode ser considerado "pronto" para o mercado de trabalho? Qual seria o currículo "ideal" para um curso de Tradução, levando-se em conta as peculiaridades de cada curso e alunado?

É exatamente para que os cursos de tradução possam cumprir adequadamente a sua finalidade de formar futuros tradutores e, de certa forma, encontrar respostas para estas perguntas, que proponho sua estruturação sobre um tripé, que se apoiaria sobre os seguintes pontos: maior integração entre a teoria e a prática de tradução; maior ênfase no caráter interdisciplinar da tradução, e uma abordagem pedagógica que privilegie o processo tradutório, e não o produto final da tradução (o "traduzir" vs. da "tradução").

O primeiro suporte desse tripé, a teoria da tradução, envolve estudos de extrema importância, mas que, infelizmente, são vistos por muitos como desprovidos de aplicação prática, ou, ainda, como argumento para proclamar a ilegitimidade teórica da tradução, como registra Arrojo (1989), em trabalho onde discute a tradição logocêntrica. Os estudos teóricos da tradução, entretanto, prestam uma colaboração inestimável para a prática, na medida em que podem auxiliar os tradutores a enfrentar o constante processo de tomada de decisões envolvidos em toda tradução (Arrojo 1986). A ênfase dada à prática pelos cursos de tradução, onde predomina a dinâmica de "prática de tradução comentada", acaba por alienar a teoria e colocá-la numa espécie de pedestal; o próprio termo "abordagem teórica" assume, às vezes, uma conotação negativa, sugerindo algo elevado, intelectual, abstrato e, por conseqüência, pouco objetivo e sem aplicação prática. Em outras palavras, algo bom para se ler nos livros, mas não para se adotado.

A abordagem pedagógica que proponho para o ensino da tradução em cursos universitários começa, portanto, pela valorização da teoria e sua inserção em todos os cursos, não importando o nível. Essa presença se daria não de uma forma rotulada, anunciada, mas sim numa perspectiva de total integração à prática. A teoria se faria

presente o tempo todo, tanto na discussão de questões mais amplas, de cunho filosófico -- como, por exemplo, o que é fidelidade em tradução, a quem o tradutor deve ser fiel, os limites da tradução, as dicotomias tradução livre vs. tradução literal e conteúdo vs. forma, o que é equivalência -- quanto em questões de âmbito mais restrito, dizendo respeito, por exemplo, à identificação de um problema específico (a tradução de um determinado termo num dado contexto, por exemplo), a enumeração das várias opções possíveis, sua avaliação levando em conta a língua-meta e o leitor visado, a escolha de uma solução e, em seguida, a discussão da generalidade do problema para o futuro. Segundo Newmark (1982), a teoria da tradução, associada à metodologia de ensino, transcende os limites puramente linguísticos, ao listar argumentos contra ou a favor de diversos procedimentos para traduzir termos culturais ou institucionais e ao ajudar a desenvolver um senso de prioridade, do que é e do que não é importante na construção do sentido de um texto.<sup>2</sup>

Outros papéis que poderiam ser desempenhados pela teoria incluiriam, ainda, fornecer princípios e diretrizes para a produção de traduções (Lefevere 1978, apud Bassnett-McGuire 1991)<sup>3</sup> e identificar regularidades e padrões de comportamento onde for possível, com o objetivo de incorporar a diversidade de função a um modelo geral do processo tradutório (Hatim and Mason 1990) -- todos perfeitamente passíveis de serem integrados à prática de tradução.

Segundo Newmark (1982), "a teoria da tradução é eclética, obtendo seu material de diversas fontes. Como ocorre com a questão do significado e com a tradução, abarca toda uma rede de relações."<sup>4</sup> Não só devo concordar com essa afirmação, como também ampliar o seu âmbito, tornando-a aplicável também à prática de tradução. Chegamos, então, ao segundo ponto de apoio do tripé que proponho para os cursos de tradução: a ênfase na interdisciplinaridade.

Muitos acreditam que traduzir é uma das tarefas mais difíceis que alguém pode realizar, na medida em que uma boa tradução depende de muitos fatores. Estes vão desde um bom conhecimento formal das duas línguas envolvidas até outras habilidades, como domínio do discurso escrito, sensibilidade, bom senso e familiaridade com outras disciplinas, como a sociologia, a etnografia, a literatura comparada, a antropologia, a filosofia da linguagem e a lógica, entre outras. A literatura sobre tradução, a partir do século dezois, tem enfatizado bastante a importância de uma integração multidisciplinar.

A interdisciplinaridade se mostra útil para ajudar desde a entender o próprio mecanismo da tradução (através da neurolinguística e da psicolinguística) e a desenvolver uma concepção de significado, até, em termos mais práticos, a conhecer

---

<sup>2</sup> Em NEWMARK, Peter. *Approaches to Translation*. London. Pergamon Press, 1982, p. 37. (Tradução minha.)

<sup>3</sup> Em BASSNETT-McGUIRE, Susan, op. cit., p. 7. (Tradução minha.)

<sup>4</sup> Em NEWMARK, Peter, op. cit., p. 37. (Tradução minha.)

o discurso e as formas de leitura de outras áreas do conhecimento, a fim de poder desempenhar melhor uma tarefa tradutória.

Dentro desse contexto de plena integração entre teoria e prática, em caráter definitivo e de maneira indissolúvel, e de uma abordagem nitidamente interdisciplinar, proponho uma pedagogia que, em decorrência de uma postura teórica pré-estabelecida, seja voltada para o processo tradutório propriamente dito, e não para o produto final desse processo. Este seria, então, o terceiro ponto de apoio do tripé sobre o qual se constituiriam os cursos de formação de tradutores.

Como já foi mencionado, a dinâmica mais comumente adotada nesses cursos é a de "prática de tradução comentada", onde o que se analisa é o produto, ou seja, o resultado final do processo tradutório e não o processo em si. A discussão e, conseqüentemente, a avaliação desse produto se fazem através do cotejo entre o texto fonte e uma ou várias versões traduzidas.

Ocorre, no entanto, que o texto traduzido mostra apenas o resultado das decisões finais do tradutor. Os leitores percebem um produto final, um resultado do processo decisório; eles não têm acesso aos caminhos que levaram às decisões, aos dilemas a serem resolvidos pelo tradutor. O que se encontra disponível para análise é o produto final, o resultado da prática de tradução, ao invés da prática propriamente dita. Em outras palavras, está-se avaliando a tradução enquanto produto, e não o traduzir enquanto processo (Hatim and Mason, 1990). Se o texto for tratado meramente como uma entidade autônoma, ao invés de uma série de procedimentos decisórios e uma situação de comunicação entre falantes, dificilmente se conseguirá entender a natureza do ato tradutório. A visão da tradução como processo, portanto, pode contribuir significativamente para o avanço dos estudos sobre a tradução.

Seria mais interessante, acredito, proceder-se a uma análise sistemática de questões e soluções através de uma comparação de métodos, ou procedimentos, de tradução. Que efeitos são produzidos por determinadas técnicas? Quais são as regularidades do processo tradutório em diferentes gêneros, em diferentes culturas e em diferentes períodos históricos? Como adequar os critérios decisórios às especificações de uma determinada tarefa tradutória e às necessidades do leitor alvo?

Entretanto, é preciso que toda essa discussão em torno do processo em si, bem como dos critérios adotados e das decisões tomadas nas diversas etapas de uma tradução, seja bastante organizada, num contexto de sala de aula: os aprendizes devem ser capazes de verbalizar seus critérios e de defender suas opções de maneira clara e segura. Caso contrário, ficará evidente que, na verdade, não houve uma interpretação singular do texto, uma leitura realmente interativa, uma negociação de sentido. No momento em que não sabe justificar o produto, o tradutor está mostrando que não foi agente consciente do processo.

A ênfase no processo também vai se refletir na avaliação de traduções, que passará a ser feita levando em conta não apenas o produto final, mas uma série de outros fatores, como, por exemplo:



- . os objetivos do tradutor em cada tarefa específica, para que o resultado final seja julgado com referência aos mesmos, e não isoladamente;
- . as decisões tomadas pelo tradutor ao longo do processo e suas respectivas motivações, e
- . os procedimentos usados e a adequação dos mesmos a situações específicas.

No âmbito dos cursos de formação de tradutores, a utilização dessa abordagem pedagógica tenderá a acabar com o mito da "tradução ideal", o paradigma de perfeição que os aprendizes perseguem e que, frequentemente, é personificado pelo próprio professor. O resultado dessa visão é duplamente nocivo: os aprendizes passam não só a acreditar na falácia de que, para cada texto, existe uma única tradução adequada e um conjunto único de critérios para produzi-la e avaliá-la, como também a ver o professor como o seu "modelo", geralmente tão perfeito, tão brilhante, tão bom tradutor, que acaba desestimulando o grupo, na medida em que este se julga muito aquém daquele ideal e incapaz de, algum dia, traduzir tão e bem e com tanta facilidade.

O tradutor precisa ter consciência de que traduzir é um ato comunicativo que se realiza dentro de um dado contexto social; de que qualquer tradução acaba por refletir, de maneira mais ou menos acentuada, a perspectiva mental e cultural do próprio tradutor, apesar de todo o esforço para ser imparcial, e de que a leitura que faz do texto fonte é apenas uma dentre inúmeras leituras possíveis. Uma abordagem com ênfase no processo torna-se, portanto, especialmente útil, pois faz incidir a reflexão e a análise crítica sobre as diversas etapas de uma tarefa tradutória. Como resultado, produtos bastante diferentes passam a ser considerados igualmente aceitáveis à luz das justificativas embutidas no processo, ou seja, dos critérios adotados, individualmente, por cada tradutor, em função das inúmeras variáveis observadas.

Em síntese, a abordagem pedagógica que proponho baseia-se no tripé descrito acima, tendo como base(s) a integração entre teoria e prática, o caráter interdisciplinar da tradução e a visão da tradução como um processo, envolvendo negociação de sentido entre produtores e leitores de textos. Em outras palavras, o texto traduzido passa a ser visto como "a evidência de uma transação, uma forma de reconstituir os caminhos trilhados pelo tradutor nos seus procedimentos decisórios" (Hatim and Mason 1990).<sup>5</sup> Entre os objetivos dessa abordagem, incluem-se tentar ajudar os aprendizes a entender o processo tradutório e o que se este envolve, bem como a desenvolver estratégias meta-cognitivas, que levarão a uma desejada autonomia nas tarefas decisórias do tradutor e no resultado alcançado.

## BIBLIOGRAFIA

ARROJO, Rosemary (1986). *Oficina de Tradução: A Teoria na Prática*. São Paulo, Editora Ática.

---

<sup>5</sup> Em HATIM, B. and MASON, I. *Discourse and the translator*. London and New York, Longman, 1990, pp. 3-4. (Tradução minha.)

- . (1988). "O Ensino da Tradução e seus Limites: Por uma Abordagem menos Ilusória". In **Trabalhos em Linguística Aplicada**, UNICAMP/IEL, volume 11.
- . (1989). "As Questões Teóricas da Tradução e a Desconstrução do Logocentrismo: Algumas Reflexões". (mimeo)
- BASSNETT-McGUIRE, Susan (1991). **Translation Studies**. London and New York, Routledge (revised edition).
- FROTA, Maria Paula (1987). "Uma teoria da tradução interdisciplinar: proposta de pesquisa e ensino." Anais do III Encontro Nacional de Tradutores, Porto Alegre.
- HATIM, Basil and MASON, Ian (1990). **Discourse and the translator**. London and New York, Longman.
- MOUNIN, Georges (1975). **Os Problemas Teóricos da Tradução**. São Paulo, Editora Cultrix.
- NEWMARK, Peter (1982). **Approaches to Translation**. London, Pergamon Press.
- STEINER, Georges (1975). **After Babel - Aspects of Language and Translation**. London, Oxford University Press.